

Diversidade e subversão em Hibisco Roxo

Indiara de Souza Conceição¹

Jessika de Sousa Macedo²

Ao percorrer pelo estudo formal da história da literatura, nos deparamos com a impossibilidade de determinar uma data específica para sua origem. Ela desenvolveu-se através da necessidade dos registros da humanidade, dentre eles o comércio, histórias dos antepassados, as artes que envolvem poesia e teatro e textos religiosos como a bíblia e o alcorão. Todos esses escritos exercem influência nas produções literárias seguintes.

Construir uma reflexão sobre a literatura mesmo no século XXI ainda nos remete aos cânones, aos grandes nomes representacionais das obras que foram consagradas como riqueza literária. Nesse sentido, ainda acontece de relacionarem a representação literária ao intelectual branco, sujeito culto que possui domínio da gramática tradicional.

Se caminhamos um pouco mais pela história, é possível perceber que apenas nos anos 20 teve início o processo de publicações que traziam histórias diferentes das já contadas até então, ou, que traziam uma nova perspectiva dessas histórias caracterizadas como globais. A exemplo disso, nas décadas de 20, 30 e 40, emergiram os movimentos: Renascimento Negro estadunidense, o movimento da Negritude parisiense e movimentações importantes no Brasil, construindo e publicando textos de tônica que buscavam uma identidade negra, que trazia afirmação étnica para o mundo literário.

Aqui, não há a intenção de deslegitimar, invalidar as escritas que foram e são consagradas, mas a olhar de forma um pouco mais ampla. Ao abarcar a diversidade, é mais possível chegar próximo de uma história completa. A reivindicação das vozes silenciadas durante séculos no espaço literário conseguiram transformar-se em produções que podem ser consideradas como orientações para nossa geração e as seguintes. Nesse sentido, podemos exemplificar essa afirmação com o livro *“O perigo de uma história única”* da escritora Chimamanda Ngozi Adichie. Para a escritora, a manutenção do monopólio se dá a partir das

¹ Graduanda em Letras na UNEB-IX. E-mail: indiarasouza60@gmail.com.

² Graduada em Administração e Especialista em Direito Público pela UNYAHNA. Assistente de Administração da UFOB. E-mail: jessikasousaa@gmail.com.

relações de poder, essa relação elege e determina quem pode contar uma história, e essa história torna-se única (ADICHIE, 2019, p. 23).

Entendendo a literatura como um meio de releitura da vida, como potencial de recriação do mundo, (re) significação de valores, costumes e fatos, é importante se atentar ao problema do cânone que ao estabilizar e cristalizar as produções, desconsidera as mudanças que a sociedade passa (Mazzoni, 1998, p. 2).

Reconhecendo como se constituíram os espaços de representações no campo literário, concordamos com a percepção da escritora Regina Dalcastagnè (2017) qual menciona um crescente debate no espaço literário, acerca da inserção das vozes marginalizadas ou excluídas. Ainda nesse sentido, a autora afirma que, a questão da representatividade se desenvolve na compreensão de que os sujeitos que monopolizam o campo literário não alcançam (não querem e tornam-se injustos) as diversas percepções de mundo e consequentemente as vivências (DALCASTAGNÈ, 2017, p. 20).

Observando a literatura como campo fértil e potente em contribuição na formação subjetiva de um sujeito, a limitação da escrita pode se tornar perigosa frente à diversidade social. Uma escrita livre pode nos levar a um caminho que ultrapassa os aspectos relacionais socialmente naturalizados, nos leva a questionar se tais aspectos respeitam a alteridade, por exemplo. Ilustraremos este estudo a partir da construção de alguns personagens do livro *Hibisco Roxo*, da escritora Chimamanda Ngozi Adichie.³

Partindo da ruptura com os cânones homens brancos, é importante para nós situar sobre a escritora da obra que analisamos. Chimamanda Ngozi Adichie é nigeriana. Nasceu no dia 15 de setembro em Enugu, na Nigéria. Seu pai James Adichie, foi o primeiro professor de estatísticas da Universidade da Nigéria e sua mãe Grace Adichie a primeira mulher a ocupar o cargo de administradora na mesma Universidade. Conhecida atualmente por ser uma das vozes potentes da literatura africana, tem suas obras traduzidas para mais de trinta idiomas.

⁴Cursou Medicina e Farmácia por um ano e meio na Universidade da Nigéria. Estudou Comunicação e Ciências Políticas na Filadélfia, em seguida fez mestrado em Escrita Criativa, área que atua como professora.

³ Parte do estudo do “Grupo de Estudos: Feminismo Interseccional e Literatura”, desenvolvido no Instituto Federal da Bahia - Campus Barreiras.

⁴ Algumas de suas principais obras são: *Meio Sol Amarelo* (2008), *Americanah* (2014), *Sejamos Todos Feministas* (2015).

Dentre as obras da escritora, optamos por *Hibisco Roxo*, cuja narrativa construída remonta inúmeras possibilidades de temáticas, dentre as quais elegemos as possíveis consequências de uma catequização, mais especificamente, na cidade de Enugu, na Nigéria; os papéis que uma pessoa pode ocupar tanto de opressora quanto de oprimida; o desenvolvimento de adolescentes em contato com o fanatismo religioso, agressões parentais e o seu oposto. Essas são as temáticas que desenvolveremos.

Para exemplificar alguns aspectos como, as consequências da catequização, opressão e fanatismo religioso, destacamos alguns personagens da narrativa. Eugene é o patriarca que representa as faces da violência da colonização e do fanatismo. Beatrice é a esposa de Eugene e mãe de Kambili e Jaja, a personagem evidencia o silenciamento. Kambili revela o medo e as angústias consequentes da opressão. Jaja oscila entre o silenciamento e a vontade de subversão. Tia Ifeoma é irmã de Eugene. Sua presença é marcante por sua consciência crítica, alegria e coragem - professora universitária que está em constante luta contra as injustiças do estado. Papa - Nnukwu é o avô paterno que se recusa abrir mão da cultura e crença do seu povo.

A história se passa no continente africano, mais especificamente, na cidade de Enugu, na Nigéria. O livro “*Hibisco Roxo*” tem como protagonista e narradora, Kambili, uma adolescente que descreve como o fanatismo religioso destrói e atormenta sua família através do seu pai – Eugene –, um sujeito que materializa as contradições da sua fé, o cristianismo. Conhecido socialmente por sua generosidade, Eugene recebeu “O título de Papa era omelora, Aquele Que Faz pela Comunidade” (ADICHIE, 2011, p. 63). Em casa, o silêncio e a sujeição imperavam e apenas o seu mandante – Eugene – poderia contrapor “As coisas começaram a se deteriorar lá em casa quando meu irmão, Jaja, não recebeu a comunhão, e Papa atirou seu pesado missal em cima dele e quebrou as estatuetas da estante” (ADICHIE, 2011, p. 9).

Eugene era temido por sua hostilidade evidenciada quando suas expectativas eram contrariadas. As consequências vinham em forma de abortos sofridos por Beatrice após violência física; por meio de flagelos sofridos por Kambili e Jaja; por um silêncio pesado e preocupado na espera de mais uma agressão. Não havia abertura para a fala. Os atos partidos do pai eram lei “Precisava que ele tocasse minha nuca e afirmasse que eu estava realizando o propósito de Deus” (ADICHIE, 2011, p. 45). E por interação social delimitada, não entravam

em contato com outras realidades. A não existência de contrastes dificultava o entendimento e normalizava aquilo que viviam.

A instável personalidade de Eugene revela aspectos cruéis da colonização/catequização, que corresponde a violência colonial comentada por Frantz Fanon (1968). Segundo o autor, não basta a subserviência do colonizado, há um processo de eliminação da cultura, da língua e por consequência, desumanização.

Ao mesmo tempo, Eugene possuía contradições: ajudava diversas pessoas que não tinham nenhum vínculo com ele; rejeitava seu pai por não ter se convertido ao catolicismo. Como Papa-Nnukwu recusou a oferta “Papa jamais cumprimentava Papa - Nnukwu, jamais o visitava”; Eugene enviava os filhos, Kambili e Jaja, para visitar o avô paterno, e dizia “Não gosto de mandar vocês à casa de um pagão, mas Deus vai protegê-los” (ADICHIE, 2011, p. 69).

As atitudes contraditórias praticadas por Eugene podem ser lidas como traços da colonização. O ensinamento dos missionários que estabeleceu como verdade, sem permitir a construção do conhecimento, invalidava o lugar que vinha. Quebrando o processo de elaboração, subjetivação e ainda o levando a desacreditar de sua própria história: “[...] precisávamos falar inglês. A irmã de Papa, tia Ifeoma, disse um dia que Papa era muito colonizado. Disse isso de forma gentil e indulgente, como se não fosse culpa de Papa” (ADICHIE, 2011, p. 20).

Podemos perceber que a imposição de uma verdade o fez crer, sem questionar, que estavam ali para libertação do mal e que agora era também um mensageiro “E você precisa fazer um esforço consciente para converter todos aqueles que se divertem com costumes pagãos”. Aqui, é possível fazer uma ponte do perigo da cristalização dos cânones já mencionada. Como poderá uma pessoa se construir, enquanto sujeito, sendo negado o direito à sua língua matriz? Sendo diminuída sua fala e seu conhecimento e tendo seu campo de elaboração restringido, seja pelo lugar de origem ou pelo lugar que ocupa? Fica aí o questionamento.

A sombra do passado de Eugene refletida em sua família, valida a agressão sofrida e alimenta a cadeia das opressões. Reproduzindo insegurança, silêncio, subserviência, reações percebidas nas movimentações de Kambili, Jaja e Beatrice. Essas consequências da colonização, evidenciadas pelas ações de Eugene, reforçam a ideia de superioridade cultural -

racismo religioso. Para Denise Botelho (2019) é um dos males mais difíceis de combater, na “medida em que esse tipo de violência se funda em uma recusa da diferença e, muitas vezes, em uma posição salvacionista da parte de quem comete intolerâncias ou discriminações” (BOTELHO, 2019, p. 114).

Neste sentido, temos a ideia de superioridade cultural e a crença de estar fazendo o bem ao subjugar uma fé contrária ao cristianismo. Tais comportamentos se configuram como violência, porque essa crença (de verdade única) reverbera na vida de outras pessoas que não compartilham da fé cristã.

Hibisco Roxo nos apresenta uma narrativa que foge da de Eugene, por meio da tia de Kambili, Ifeoma, seus dois filhos e do padre Amadi. No apartamento da tia o silêncio começa a ser rompido. A convivência com seus parentes em Nsuka chega como ar fresco em um dia de calor. A liberdade para Kambili e Jaja chega no contato com a alteridade como uma realidade possível e não como uma única realidade. Afastando a ideia do diferente como perigoso. Subvertendo o medo de questionar aquilo que aprendeu “Ser rebelde pode ser bom às vezes - explicou tia Ifeoma – A rebeldia é como a maconha. Não é ruim se for usada direito” (ADICHIE, 2011, p. 155-156).

A rebeldia evidenciada através da personagem Ifeoma materializa para nós o ato de resistência e subversão no campo literário. Nas palavras de bell hooks “Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão da nossa transição de objeto para sujeito - a voz liberta” (hooks, 2019, p. 39). É essa voz que retira do lugar cômodo o sujeito legitimado como intelectual que por séculos julgou poder falar pelo outro e o representar.

A ideia da possibilidade de uma literatura livre, onde não é negada a escuta de diferentes narrativas, cria um espaço humano onde é possível existir. Nos distancia da negação da diferença dos demais, da existência a partir de uma exploração. Auxilia na construção de uma identificação a partir de sua própria história e do outro. Com o respeito de outros corpos, é possível escolher experienciar a radicalidade de se desconstruir ao viver junto de qualquer outro ser e com segurança.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 324.

_____. **O Perigo de Uma História Única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 61 p.

BOTELHO, Denise. Religiões afro-indígenas e o contexto de exceções de direitos. In: CÁSSIO, Fernando et al: **Educação contra a barbárie**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. 250 p.

DALCASTAGNÈ, A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro 2007.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1968. 141 p.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. Disponível em: <<https://bit.ly/2JNFjsh>> Acesso em: 28 nov. 2020.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. 379 p.

CANTON, James. **O livro da literatura**. Tradução de Camile Mendrot. 1. ed. São Paulo: Globo, 2016. 352 p.

MAZZONI, Vanilda Salignac. A escrita feminina: em busca de uma teoria. **Revista Ramal de Ideias**. N.1, 1998. Disponível em:< <https://bit.ly/3nomevj>>. Acesso em: 28 nov. 2020.